

A higienização do sexo BDSM

Iara Ferreira Germano¹

Resumo: A sigla BDSM, acrônimo para *bondage*, disciplina, dominação, submissão, sadismo e masoquismo, é um termo guarda-chuva que se refere a uma gama de práticas sexuais dissidentes. Assim como outros grupos sexuais dissidentes, está sob a jurisdição do poder legislativo, médico e religioso, de modo a ser cerceado e interditado socialmente. Neste artigo, discutimos a relação entre sexualidade e práticas higienistas, partindo do século XVII, e analisamos como o poder legislativo, médico e religioso contribuem para o controle de sexualidades dissidentes, em especial, a de praticantes de BDSM. Apontamos como a higienização do BDSM tem sido sintomática da tentativa desse grupo de conseguir espaço público e de se organizar como identidade, no entanto, às custas de seu potencial transgressor ao se submeter cada vez mais aos valores heteronormativos.

Palavras-chave: BDSM; Sexualidade; Higienismo.

¹ Doutoranda em Estudos Literários na Universidade Federal de Uberlândia. Mestre em Estudos Literários (PPGLIT/UFU) e em Estudos Linguísticos (PPGEL/UFU). Pesquisadora da área de Literatura, com ênfase em Literatura Erótica, sadomasoquismo, romance de flagelação, pornografia, BDSM, teoria queer, teoria feminista e pós-modernismo. E-mail: igermano@ufu.br.

Introdução

A sigla BDSM, acrônimo para *bondage*, disciplina, dominação, submissão, sadismo e masoquismo, é um termo guarda-chuva que se refere a uma gama de práticas sexuais dissidentes que se estruturam a partir de dois aspectos principais: a dominação e o prazer pela dor e pela humilhação. Para que uma prática sexual seja definida com uma prática BDSM, portanto, é necessário que pelo menos um desses aspectos esteja presente.

As práticas eróticas relacionadas ao BDSM, apesar de já fazerem parte do repertório cultural audiovisual, foram popularizadas na última década pelo sucesso da trilogia de livros *Cinquenta Tons de Cinza* (2011) e de suas adaptações cinematográficas, e tem se imbuído cada vez mais como um tópico cultural na mídia. Ainda que a discussão sobre o que o BDSM significaria para a sociedade possa parecer atual, essa discussão já havia tomado palco na década de 1970 nos Estados Unidos durante as *Guerras Sexuais*, gerada pelo conflito entre grupos feministas antipornografia e grupos feministas pró-sexo em torno de questões sexuais, tais como pornografia, erotismo, prostituição, práticas sexuais lésbicas, o papel das mulheres trans na comunidade lésbica, sadomasoquismo etc. O primeiro grupo era o da libertação sexual feminina, acreditando ser uma extensão dos privilégios sexuais masculinos, além de serem contra a pornografia e sadomasoquismo sob a perspectiva de que esses seriam culpados pela exploração e violência sexual das mulheres. Já o segundo grupo defendia a libertação sexual feminina, sem ignorar as diferentes implicações sociais de uma mulher ser sexualmente ativa. Defendiam um modelo de libertação sexual que não trouxesse ônus a nenhum grupo social.

As últimas três décadas do século XX foram particularmente marcantes para as sexualidades dissidentes devido a uma feroz perseguição social, política e médica. Nos Estados Unidos, por exemplo, as Guerras Sexuais e a epidemia da AIDS criaram uma oportunidade para que o Estado se valesse de ações legislativas que resultassem no

cerceamento das mais diversas práticas sexuais dissidentes em nome do bem-estar social e da saúde pública. Espaços públicos de encontro sexual para homossexuais e sadomasoquistas foram fechados, a prática de *fisting*² foi considerada como um dos comportamentos de risco para se contrair HIV (apesar da falta de evidências científicas), a pornografia foi regulamentada, de modo que filmes *hardcore*, tanto heterossexuais quanto homossexuais, não pudessem ser distribuídos.

O que marca esse período do século XX é a renegociação dos limites da sexualidade. O sexo é sempre político, mas em determinados contextos, a sexualidade está à mercê de conflitos de interesse, manobras políticas e pânico moral (Rubin, 2012). É neste momento em que a vida erótica de sujeitos dissidentes, é relegada a existir em segredo como maneira de sobrevivência e a contornar os estigmas sociais, como aponta Gayle Rubin:

Além das penalidades econômicas e da tensão familiar, o estigma da dissidência erótica cria fricção em todos os outros aspectos da vida cotidiana. O público geral auxilia a penalizar a não conformidade sexual quando, de acordo com os valores que lhes foram ensinados, locatários negam habitação, vizinhos chamam a polícia, e vadios cometem assédio sancionado. As ideologias de inferioridade e perigo sexuais diminuem o poder dos pervertidos sexuais e dos trabalhadores do sexo em encontros sociais de todos os tipos. Eles têm menos proteção dos comportamentos inescrupulosos ou criminais, menor acesso à proteção policial e menos recurso aos tribunais. Lidar com instituições e burocracias – hospital, médico legista da polícia, bancos, servidores públicos – é mais difícil. O sexo é vetor da opressão. (Rubin, 2012, p. 31)

A renegociação da vida erótica de praticantes de BDSM, portanto, seria o desaparecimento dessas práticas do âmbito público. Muitos espaços públicos sadomasoquistas, como clubes, bares e boates, são fechados e os que conseguem se manter abertos, não podem permitir que os praticantes realizem sexo penetrativo, por exemplo. Ainda que se tenha vestígios do BDSM em produções culturais anteriores a

² A prática de penetração anal ou vaginal com o punho, comumente associada às práticas sexuais homossexuais.

década de 2010, como apontou Catherine Scott (2015), a publicação de *Cinquenta Tons de Cinza*, da escrita inglesa E. L. James, permitiu que o BDSM se estabelecesse mais concretamente como um tópico cultural. No entanto, o BDSM que chega à cultura popular nesse momento nada se parece àquele das décadas finais do século XX. Sobre seu primeiro contato com o livro de James, Scott conta:

Depois de alguns meses na revista Ms., uma de minhas estagiárias mencionou *aquele livro* para mim. Eu não tinha ouvido falar dele, mas tínhamos uma cópia na seção de resenhas, então dei uma olhada rápida. Era uma história de baixa qualidade, mal escrita e que precisava de uma grande revisão, mas as partes *kinky* eram, no máximo, levemente picantes. Como alguém que havia se envolvido em práticas fetichistas em minha vida privada e estava bem familiarizada com uma literatura de temática BDSM muito mais intensa, como *A História de O*, não vi motivo para ficar chocada. No entanto, a afirmação de minha amiga de que o livro era extremamente popular entre as mulheres fez soar alarmes na minha cabeça. E só por esse motivo, eu já conseguia prever que, esse fenômeno não passaria despercebido na mídia, e eu não estava errada.³ (Scott, 2015, p. 02)

O BDSM renasce, então, com uma roupagem mais palatável à heteronormatividade. A ressonância do livro entre leitoras mulheres levou grupos conversadores a se valerem do relacionamento de Christian e Anastasia, personagens do livro que vivem uma relação de dominação e submissão, para justificarem que os avanços políticos das mulheres as sobrecarregaram e, por isso, fantasiam em se submeter a seus parceiros. Outros grupos apontam que se trata de um livro antifeminista que busca legitimar a violência e o abuso sexual contra mulheres.

Os grupos sexo-positivos, por sua vez, tomam o livro como uma oportunidade para “apimentar” a relação com as práticas descritas na história. Entanto, por mais que

³ Tradução nossa: “After a couple of months at Ms., one of my fellow interns mentioned *that book* to me. I hadn’t heard of it, but we had a copy in our review section, so I had a quick flick. It was trashy, it was badly written, it was in need of a huge edit, but the kinky bits were mild at best. As someone who had indulged in kink in my private life and was well familiar with much more hardcore BDSM– themed literature such as *The Story of O*, I saw little to be shocked by; however, my friend’s assertion that it was massively popular with women started alarm bells ringing in my head. I could already predict that, for that reason alone, this phenomenon wasn’t going to go unreported, and I wasn’t wrong.”

sejam sexo-positivos, existe uma extensão de até onde o BDSM pode ser escusado, visto que:

[...] sempre trata o sexo com suspeita. Constrói e julga quase todas as práticas sexuais segundo suas piores possibilidades de expressão. O sexo é considerado culpado até que provem sua inocência. Virtualmente todos os comportamentos eróticos são considerados maus a menos que uma razão específica para isentá-lo tenha sido estabelecida. As mais aceitas desculpas são o casamento, a reprodução e o amor. Algumas vezes a curiosidade científica, uma experiência estética ou uma relação íntima de longo termo podem servir. Mas o exercício da capacidade erótica, inteligência, curiosidade ou criatividade, todos necessitam pretextos que são desnecessários para outros prazeres, como o deleite com a comida, ficção ou astronomia. (Rubin, 2012, p. 15)

O livro cria, portanto, um contexto em que as práticas sexuais BDSM possam ser praticadas em nome da curiosidade e, aqueles que se interessam superficialmente por elas, não podem ser julgados da mesma maneira que praticantes de BDSM que engajam sistematicamente com essas práticas. O que se espera, então, é que os casais curiosos se valham do uso de lingerie que remetam a estética BDSM, do uso de brinquedos sexuais (vibradores, algemas, mordanças etc.) e do *spanking* em seu repertório sexual.

Outras práticas consideradas mais tabu e mais pesadas, como práticas de consentimento não-consentido⁴, *fisting* e chuva dourada⁵, por exemplo, não ressurgem junto à popularidade do livro. Essas práticas não são isentas de seus status transgressor, de modo que ainda são associadas a comportamentos de pessoas doentes e violentas. O estigma erótico que permeia os praticantes de BDSM leva a um fenômeno peculiar, em que o modo que praticantes falam sobre sua sexualidade toma contornos mais comedidos e passam a afirmar que BDSM não é sobre sexo, mas sobre autoconhecimento, confiança no parceiro, entrega ao relacionamento etc. O prazer sexual das práticas deixa de ser o objetivo, e passa a ser mera consequência.

⁴ Prática erótica em que se simula algum tipo de violação sexual. Antes de sua realização, as partes envolvidas negociam e dão consentimento para que seja realizada.

⁵ Prática erótica de urinar no parceiro ou receber dele jatos de urina durante o ato sexual ou em um contexto sexual.

A sexualidade é um aspecto da natureza humana que está constantemente sob a jurisdição do Estado, da religião, da moral social e da medicina, que buscam reger comportamentos sexuais que transgridam os valores dos grupos dominantes. A questão de o BDSM ser sobre sexo ou não é mais uma das muitas questões que se encontram emaranhadas entre o discurso médico, moralista, jurídico e religioso. Conseqüentemente, a negação da característica sexual do BDSM é reflexo de uma sociedade em que o sexo é visto como algo negativo, impuro e pecaminoso. Nessa perspectiva, neste artigo, apresentaremos um panorama histórico de como a sexualidade está submetida a práticas higienistas. Em seguida, levando em consideração o BDSM, discutiremos a tendência de se higienizar práticas sexuais dissidentes, aproximando-as de valores de relações sexuais e relacionamentos heteronormativos.

Higienismo e Sexualidade

Com o avanço da medicina moderna no final do século XIX, se desenvolve, também, um discurso em prol da assepsia, em que se privilegia a *higiene* acima de tudo. Higiene entendida aqui não como uma preocupação com *limpeza*, mas sim como uma preocupação pela *saúde*. Ainda que, em um primeiro momento, não se pareça problemática e soe como uma preocupação legítima, visto que há um interesse em se privilegiar comportamentos saudáveis, em um segundo momento, se torna evidente como que o discurso higienista abre espaço para se estigmatizar grupos socialmente vulneráveis.

Para entender o problema de se prezar pela *saúde* acima de tudo, é necessário entender que o que é considerado *saudável* está sujeito às percepções sociais e mudanças sócio-históricas, de modo que aquilo que é entendido como saudável dependerá das crenças sociais de determinados grupos, em determinadas épocas. No âmbito da sexualidade, a homossexualidade, durante a passagem do século XIX para o século XX, de modo geral, era considerada como um pecado (de um ponto de vista

religioso), uma imoralidade (de um ponto de vista dos bons costumes) e um crime (de um ponto de vista jurídico). Com a publicação de “*Psychopathia Sexualis*” (1886), pelo psiquiatra austríaco Richard von Krafft-Ebing, a homossexualidade, bem como uma série de outros comportamentos sexuais, como o sadismo e o masoquismo, por exemplo, passaram a ser considerados como patologias. A partir do discurso médico que patologizou a homossexualidade, muitos homossexuais ficaram à mercê de tratamentos clínicos de conversão, uma vez que se pensava que por ser uma doença, poderia ser tratada.

A masturbação, por exemplo, é outro comportamento que passou a ser considerado como doença. O historiador Thomas W. Laqueur (2003) explica que se trata de um conceito que nasce no século XVIII, durante o Iluminismo, em paralelo ao ser humano autoconsciente de Rousseau. Isso não implica em afirmar que o ato não era praticado antes do século XVIII, uma vez que:

[...] a masturbação, por seu próprio nome e por muitos outros, existe desde tempos remotos, muito antes do que temos registros e provavelmente até mesmo mais além: os rabinos podem não ter articulado o conceito, mas os teólogos certamente falaram sobre isso; escritores e pintores a retrataram; médicos até mesmo a discutiram em raras ocasiões. As pessoas comuns parecem ter praticado a masturbação e também brincado sobre outras pessoas praticarem.⁶ (Laqueur, 2003, p. 83)

Situar o nascimento do conceito da masturbação no século XVIII implica, portanto, em identificar em que momento esse comportamento passou a ter o peso social que teve ao longo dos últimos três séculos. Implica em estabelecer como e por que um ato tão insignificante socialmente, passou a ter tamanha relevância.

Laqueur ressalta como que na história cultural, a masturbação é um dos poucos eventos que podem ser datados com precisão: a publicação de “*Onania: or the heinous*

⁶ Tradução nossa: “But masturbation, by its own name and many others, has been around as far back as we have records and probably well beyond: rabbis may not have articulated the concept, but theologians certainly spoke of it; writers and painters depicted it; doctors even discussed it on rare occasion. Ordinary people seemed to have both done it themselves and joked about others' doing it.”

sin of self-pollution” (“Onania: ou o hediondo pecado de auto poluição”) em 1712. O livro, de acordo com historiador, foi de grande relevância para se pensar sobre *identidade* e sobre a história da Medicina, é um compilado de panfletos, uma espécie de tratado que se opunha a masturbação, e foi a primeira vez que esse comportamento recebeu atenção da Medicina e passou a ser considerado como uma doença. Laqueur aponta como que “a medicina parece ter sequestrado a moralidade”⁷ (Laqueur, 2003, p. 16) ao explicar que o texto fora escrito por um homem que tinha interesse em oferecer tratamentos religiosos para “pessoas que sofriam secretamente desse pecado”. O autor do tratado, ao mostrar seu texto para um médico devoto, foi apresentado a dois remédios: um para curar para corrimentos e secreções de todos os tipos, tanto em homens quanto em mulheres, e que não fossem resultado de doenças venéreas (corrimento vaginal branco, eliminação noturna, emissões seminais ao urinar ou defecar); o outro para curar infertilidade e impotência, fossem causadas por doenças venéreas ou não.

O sucesso dos panfletos vem às custas do esforço do médico que, de acordo com o autor dos panfletos, imprimiu um grande número de exemplares por conta própria. Ainda que o autor de “Onania” avisasse seus leitores de que havia certo oportunismo do médico, ele não desmereceu os tratamentos, afirmando que o médico havia sido capaz de administrar os remédios com sucesso. Sobre as repercussões da publicação e distribuição de “*Onania*”, Laqueur aponta que:

Notavelmente, esse esforço desavergonhado para inventar uma nova doença e, ao mesmo tempo, oferecer sua cura a um alto preço se tornou o texto fundador de uma tradição médica que envolveria os pilares da medicina do Iluminismo e ajudaria a criar a sexualidade moderna. Dezenas de dissertações, centenas de artigos, entradas de enciclopédias, panfletos didáticos e muitos livros eruditos encontrariam suas origens em 1712. Quase duzentos anos depois, quando muitos já duvidavam que a masturbação causasse sérios danos físicos, um renomado médico francês ainda conseguia

⁷ Tradução nossa: “Medicine seems to have hijacked morality.”

encontrar quase cem condições que eram sinais ou conseqüências do auto abuso.⁸ (Laqueur, 2003, p. 16)

Por mais trivial que toda essa história possa parecer, lidamos com estigmas acerca da masturbação até hoje. Ainda lidamos com ideias, especialmente supersticiosas, de que a masturbação pode causar danos físicos: levar à cegueira ou crescer pelos nas mãos, por exemplo. Ou mesmo, de um ponto de vista religioso, de ser considerado um sujeito profano e imoral.

Situações como essa nos ajudam a refletir sobre como que, por mais científico e imparcial que a Medicina possa parecer, ela não existe em um vácuo social. Ela é exercida por médicos que nascem, crescem e vivem em sociedade e que lidam diariamente com questões políticas, econômicas, religiosas, raciais, estéticas, de gênero e de sexualidade. Os fatos científicos não mudam, o que muda é como eles são usados para oprimir (ou não) grupos marginalizados.

Em *“Dangerous Sexualities”* (2000), partindo da década de 1830, Frank Mort examina como nossas ideias de saúde e doença estão relacionadas a noções morais e imorais de sexo, relacionando narrativas históricas sociais às escolhas e possibilidades sexuais que enfrentamos atualmente. Um dos pontos apresentados no livro é como a política social e hegemonia da Medicina estabelecidas durante as reformas da década de 1830 e 1840 na Inglaterra conseguiram se valer da Medicina ambiental e de princípios de educação moral para implementar políticas que resolveriam os problemas apresentados pela classe trabalhadora entre as décadas de 1850 e 1870.

⁸ Tradução nossa: “Remarkably, this shameless effort to invent a new disease and at the same time offer its cure at a steep price became the founding text for a medical tradition that would draw in the pillars of high-Enlightenment medicine and help create modern sexuality. Scores of dissertations, hundreds of articles, encyclopedia entries, didactic tracts, and many learned tomes would find their origins in 1712. Almost two hundred years later, when many had come to doubt that masturbation caused serious physical harm, a noted French doctor could still find almost a hundred conditions that were either signs or consequences of self-abuse.”

No percalço das reformas, a Legislação passa a ser o *modus operandi* pelo qual o Estado passa a intervir na moral e nos costumes, em nome da saúde pública. Mort explica que:

o princípio sanitário foi utilizado para justificar exigências de intervenção estatal na regulação de doenças e imoralidades sexuais. Conforme declarava o Lancet, o estado interferia no caso de uma mulher doente pelos mesmos motivos e com o mesmo direito que interferia com um paciente de febre tifoide ou varíola — para evitar a disseminação de doenças.⁹ (Mort, 2000, p. 54)

É a partir dessa perspectiva que o Estado inglês passa a implementar medidas de controle da prostituição, considerado como o “grande mal social” durante a Era Vitoriana. As políticas de intervenção de prostituição nascem da pressão exercida por médicos e por oficiais militares perante o alarmante número de casos de doenças venéreas entre os oficiais de patente baixa. Durante a Guerra da Crimeia (1853-1856), diante de um significativo aumento de casos dessas doenças, são realizadas investigações governamentais que atestam pela seriedade das doenças venéreas e da imoralidade sexual.

As investigações levam à implementação do Ato de 1864 (conhecido também como os “Ato das Doenças Contagiosas”), que estabelecia a proibição da prostituição em portos navais e cidades de guarnição armamentícia na Inglaterra e na Irlanda. Cabia à polícia e aos médicos notificarem o magistrado local caso suspeitassem que uma mulher fosse uma prostituta comum. A mulher seria, então, levada a um hospital para que fosse examinada, onde poderia ser detida por até três meses e receberia instruções de conduta moral e religiosa adequadas. O ato previa, também, penalidades para os proprietários de bordéis (Mort, 2000).

⁹ Tradução nossa: “From the 1850s the sanitary principle had been used to justify demands for state intervention regulating sexual disease and immorality. As the Lancet declaimed, the state interfered in the case of a diseased woman on the same grounds and by the same right that it interfered with the typhus fever or the smallpox patient—to avert the spread of disease”

É interessante observar como que o Ato de 1864, apesar de ser instituído como profilaxia para as doenças venéreas entre oficiais, torna-se um instrumento do controle da classe trabalhadora à medida que se torna difícil delimitar os grupos alvos dentro de ideias fixas de moralidade e imoralidade. Ainda que o Ato de 1864 se preocupasse, primeiramente, com oficiais, esse não era o único grupo a ter contato com prostitutas, além de não ser o grupo passível de receber punição. De modo geral, podemos entender que:

[...] os atos implicavam o Estado e a expertise médica em um discurso muito mais preciso e extenso sobre a sexualidade, incitando e cristalizando representações, especialmente em torno da sexualidade feminina. Isso era completamente novo. Envolveu a coordenação de vários departamentos governamentais, o que era extenso pelos padrões da administração do século XIX. Mas tal fenômeno não pode ser explicado recorrendo a princípios gerais de “burocratização” ou expansão administrativa. Isso fazia parte da intensificação da vigilância do comportamento feminino e dos hábitos sexuais dos pobres urbanos, sob o impacto das condições sociais e políticas na Grã-Bretanha do meio do século XIX.¹⁰ (Mort, 2000, p. 57)

Em um primeiro momento, no início do século XIX, a Medicina ambiental se concentra na sexualidade como um dos principais aspectos de uma preocupação geral com os hábitos e morais da classe trabalhadora urbana. No entanto, a legislação sobre saúde pública, saneamento e condições industriais não continha prescrições para a regulamentação direta da conduta sexual. Em um segundo momento, já nos meados do século, os atos normalizam o discurso da intervenção estatal no cotidiano da classe operária em nome da saúde pública. Diante da opinião pública, por exemplo, se defendia a intervenção policial para que se pudesse retirar prostitutas de circulação nas ruas e reforçar a proibição de consumo de álcool pela classe operária.

¹⁰ Tradução nossa: “[...] the acts implicated the state and medical expertise in a much more precise and extensive discourse on sexuality—inciting and crystallising representations, especially around female sexuality. This was quite new. It involved the coordination of a number of government departments which was extensive by the standards of nineteenth-century administration. But such a phenomenon cannot be explained by recourse to general principles of ‘bureaucratisation’ or administrative expansion. It was part of the intensified scrutiny of female behaviour and the sexual habits of the urban poor, under the impact of social and political conditions in mid-nineteenth century Britain.”

A mudança mais marcante que temos durante o século XIX, em termos de controle da sexualidade, é a instrumentalização da Medicina a favor da legislação estatal. No século anterior, como Laqueur aponta:

A medicina sempre foi algo como um guia moral, uma espécie de ética da carne. Esse papel aumentou dramaticamente no século XVIII, à medida que as normas morais se baseavam cada vez mais na natureza e eram ensinadas em escolas, no mundo de médicos e pedagogos, e cada vez menos na autoridade divina e pregadas pela Igreja, na esfera de padres ou pastores. Nesse contexto, não é surpreendente que as ansiedades culturais fossem traduzidas em doenças: doenças da civilização, por exemplo, causadas por uma variedade de coisas ruins — excesso de luxo, atividade mental em excesso e falta de exercício, excesso de simpatia ou leitura excessiva de romances, o que agitaria o corpo e seus nervos, ou doenças que surgem do excesso de atividade sexual. (Laqueur, 2003, p. 16)

Se nos séculos XVIII e XIX, a Medicina se valeu cada vez mais dos hábitos sexuais em nome da saúde pública, no século XX, a história, invariavelmente, se repetiu. Na década de 1980, a epidemia de AIDS foi um momento de grande impacto na relação entre Medicina, sexualidade e Estado e, previsivelmente, são grupos minoritários que se encontram, mais uma vez, sob o controle da Medicina e do Estado, em nome da saúde pública.

No final da década de 1970, os Estados Unidos, Haiti e alguns países da África Central já haviam encontrado os primeiros casos de uma infecção que, somente em maio de 1982, seria identificada como *Sarcoma de Kaposi*. No artigo “Fatores de risco para Sarcoma de Kaposi em homens homossexuais” publicado na revista médica *Lancet*, foram reportados os resultados de:

[...] um estudo americano com vinte homens homossexuais em Nova York e Califórnia, que tinham uma forma particularmente rara de câncer de pele. Os sintomas incluíam feridas, perda de peso e febre baixa. Apontando para ligações significativas entre a propagação da doença e a promiscuidade, o artigo chamou a atenção dos médicos para diferenças alarmantes entre a vida sexual dos homossexuais infectados e um grupo de controle de heterossexuais não infectados. Cinquenta por cento dos pacientes gays admitiram ter relações sexuais com dez ou mais parceiros em um mês, em média. O mais promíscuo “confessou” ter tido relações sexuais com noventa

parceiros diferentes nas semanas antes de sucumbir ao vírus. As conclusões foram tentativas, mas uma hipótese inicial foi claramente expressa — o sexo “desviante” era um fator importante na propagação dessa doença potencialmente fatal.¹¹ (Mort, 2000, p. 01)

No mesmo mês em que o artigo sobre o estudo é publicado em um jornal científico, em que a tanto o tema quanto a linguagem limitariam a circulação dos resultados da pesquisa, a reportagem “*New Homosexual Disorder Worries Health Officials*” (“Novo distúrbio homossexual preocupa autoridades da Saúde”), de autoria de Lawrence K. Altman, é publicada pelo *New York Times*, um dos jornais de maior circulação nos Estados Unidos. Ainda que ao longo do texto, Altman discorra sobre a variedade de grupos afetados pela infecção, o título já estabelece que se trata de um *distúrbio homossexual*.

Na introdução, Altman explica que “um grave distúrbio do sistema imunológico que tem sido conhecido pelos médicos por menos de um ano — um distúrbio que parece afetar principalmente homens homossexuais — já afetou pelo menos 335 pessoas, das quais matou 136” (1982, s/p). Em seguida, prossegue informando que:

As autoridades federais de saúde estão preocupadas que dezenas de milhares de homens homossexuais adicionais possam estar afetados silenciosamente e, portanto, vulneráveis a doenças potencialmente graves. Além disso, esse colapso do sistema imunológico, que tem sido associado a um tipo raro de câncer chamado sarcoma de Kaposi e parece abrir caminho para uma ampla variedade de infecções graves e outros distúrbios, também foi diagnosticado em algumas mulheres heterossexuais e em homens bissexuais e heterossexuais.¹² (Altman, 1982, s/p)

¹¹ Tradução nossa: “[...] an American study of twenty gay men in New York and California with a particularly rare form of skin cancer. Symptoms included sores, coupled with weight loss and low fever. Pointing to significant links between the spread of the disease and promiscuity, the article drew medics’ attention to alarming differences between the sex life of the infected homosexuals and a control group of non-infected heterosexuals. Fifty per cent of the gay patients admitted to having sex with ten or more partners in an average month. The most promiscuous ‘confessed’ he had had intercourse with ninety different partners in the weeks before succumbing to the virus. Conclusions were tentative, but an initial hypothesis was clearly spelt out— ‘deviant’ sex was an important factor in spreading this potentially killer disease.”

¹² Tradução nossa: “Federal health officials are concerned that tens of thousands more homosexual men may be silently affected and therefore vulnerable to potentially grave ailments. Moreover, this immune-system breakdown, which has been implicated in a rare type of cancer, called Kaposi’s sarcoma,

Altman acrescenta, ainda, que “a causa do distúrbio é desconhecida. Pesquisadores o chamam de A.I.D., para doença imunodeficiente adquirida (*acquired immunodeficiency disease*), ou GRID, para imunodeficiência relacionada a gays (*gay-related immunodeficiency*).” Os casos foram reportados de 7 países diferentes e em 20 estados dos Estados Unidos, sendo a significante maioria deles encontrados na cidade de Nova Iorque, e:

Treze das pessoas afetadas foram mulheres heterossexuais. Acredita-se que algumas das vítimas masculinas tenham sido heterossexuais e que tenham sido principalmente usuários de heroína e outras drogas injetadas em suas veias. Mas a maioria dos casos ocorreu entre homens homossexuais, em particular aqueles que tiveram inúmeros parceiros sexuais, muitas vezes parceiros anônimos cuja identidade permanece desconhecida.¹³ (Altman, 1982, s/p)

O jornalista não falha em mencionar que a infecção não se limitava a homens homossexuais, mas levanta uma dúvida sobre a sexualidade de algumas das vítimas ao escrever que se acreditava que algumas das vítimas masculinas eram heterossexuais, sem afirmar com convicção de que não se tratava de homens homossexuais. Ao mesmo tempo, Altman já correlaciona a AIDS ao uso de heroína e outras drogas injetáveis que já eram associadas a homens homossexuais, e afirma que “até o momento, os epidemiologistas não encontraram evidências de que a condição seja transmitida de pessoa para pessoa, como a gripe ou o sarampo. Portanto, afirmam que o público em geral não precisa temer uma epidemia”¹⁴ (Altman, 1982, s/p).

and seems to invite in its wake a wide variety of serious infections and other disorders, has developed among some heterosexual women and bisexual and heterosexual men.”

¹³ Tradução nossa: “Thirteen of those affected have been heterosexual women. Some male victims are believed to have been heterosexual, and to have been chiefly users of heroin and other drugs by injection into their veins. But most cases have occurred among homosexual men, in particular those who have had numerous sexual partners, often anonymous partners whose identity remains unknown.”

¹⁴ Tradução nossa: “So far, epidemiologists have found no evidence that the condition is spread from person to person like influenza or measles. Therefore, they say, the general public need not fear an epidemic.”

A reportagem de Altman consegue, de um modo geral, tranquilizar o *público geral*, ou seja, pessoas fora do grupo de homens homossexuais, quanto a possibilidade de contraírem a doença. Ele afirma que é o:

primeiro surto natural de supressão imunológica que afeta uma comunidade de pessoas vivendo livremente, em comparação, por exemplo, com uma epidemia em um hospital. (...) Como evidência adicional contra uma propagação simples por contágio, os epidemiologistas observam que a síndrome não se espalhou para outros membros da família, trabalhadores de hospitais ou pesquisadores que estudaram a doença.¹⁵ (Altman, 1982, s/p)

O jornalista, por mais que discorra sobre os fatores de risco associados a AIDS listados e discutidos no artigo científico publicado na revista médica *Lancet*, candidatos ao serem a causa da infecção — promiscuidade, uso de drogas injetáveis e troca de esperma, fluído seminais ou sangue — não reconhece que são comportamentos de risco exclusivos a homens homossexuais. Altman conclui a reportagem com a seguinte reflexão: “Dado o fato de que a homossexualidade não é algo novo, a questão mais intrigante é por que o surto está ocorrendo agora e não em algum momento do passado”¹⁶, estabelecendo, inquestionavelmente, perante a opinião pública de que se tratava de um *distúrbio homossexual*.

Mesmo que, de fato, houvesse um maior número de casos entre homens gays do que entre pessoas de outros gêneros e orientação sexual, esse grupo foi estigmatizado por se tratar de uma minoria sexual, vulnerável a questões morais, médicas e legislativas. As implicações disso foram que os empenhos científicos para descobrir como se dava a transmissão do vírus e sua possível cura não foram tão diretos quanto

¹⁵ Tradução nossa: “[...] is the first naturally occurring outbreak of immune suppression to affect a community of free-living people, in contrast, for example, to an epidemic in a hospital. (...) As further evidence against simple contagious spread, epidemiologists note that the syndrome has not spread to other family members, hospital workers or researchers on the disease.”

¹⁶ Tradução nossa: “Given the fact that homosexuality is not new, the most puzzling question is why the outbreak is occurring now, and not sometime in the past.”

poderiam ter sido, uma vez que políticas de saúde públicas foram indiscutivelmente enviesadas.

Além do pânico sanitário e do pânico midiático causado pela epidemia da AIDS, o pânico moral evidencia como que, mesmo dentro de determinados grupos minoritários, práticas sexuais dissidentes são tratadas no nível da abjeção. A epidemia da AIDS é um marco muito bem definido no *antes* e *depois* dos espaços públicos para práticas sexuais dissidentes porque grupos anti-gays e anti-fetichistas enxergavam uma relação causal entre homossexualidade, ainda mais entre ser gay fetichista, e ser diagnosticado com AIDS. Em vez de se estabelecer profilaxias que não cerceassem as práticas sexuais, a oportunidade foi utilizada como controle de comportamento considerados imorais e insalubres.

Gayle Rubin, ao falar sobre o desaparecimento da comunidade de *fisters* como resultado da perseguição causada pela gestão sanitária da epidemia da AIDS, aponta que as primeiras diretrizes de sexo seguro, que apareceram em 1984, listavam o *fisting*, a prática de penetração anal ou vaginal com o punho, como prática de risco. Em contrapartida, sexo anal com camisinha era considerado uma prática relativamente segura. De um ponto de vista lógico, é incoerente pressupor que o *fisting* e o sexo anal apresentariam riscos de contágio diferentes, no entanto, apenas uma dessas práticas estava associada a homens homossexuais. A incoerência em não sugerir que o *fisting* fosse praticado com luvas de látex é evidência de como não havia preocupação em se propagar informação da maneira mais imparcial o possível, mas sim o interesse de controle dos corpos e do espaço público (Rubin, 2013).

A falta de clareza quanto a prática segura de *fisting* deixa apenas uma alternativa aos praticantes: a interrupção da prática. Como consequência, a efervescente comunidade de *fisters* desaparece conforme os clubes de *fisting* são abruptamente fechados, demarcando o espaço público como domínio da gestão sanitário, uma vez que:

As tentativas de fechar as casas de banho e os clubes de sexo representou uma alternativa estratégica para lidar com a AIDS. Em vez de promover mudanças no comportamento sexual para diminuir o risco de transmissão, a decisão de fechar esses espaços enfatizou a redução de oportunidades de homens gays fazerem sexo. Aqueles que propuseram o fechamento argumentavam que seus projetos era uma medida óbvia para salvar vidas. O debate sobre o fechamento desses espaços foi representado de tal forma que rivalizaram as questões de saúde pública contra o direito civil. Essa perspectiva simplificou e distorceu a situação. Os esforços para o fechamento desses espaços abriram precedentes perigosos para que o Estado perseguisse estabelecimentos e comportamentos gays. O fechamento em massa eliminou a oportunidade de educação sexual, bem como as oportunidades para sexo. Com o fechamento, os praticantes foram para as ruas, becos e parques, que são espaços, obviamente, menos seguros e limpos do que os clubes que eles perderam.¹⁷ (Rubin, 2013, p. 151)

Diante da repercussão do fechamento de clubes de sexo, a comunidade sadomasoquista (SM), que coexistia com a comunidade de *fisters*, se vê igualmente ameaçada. Em um primeiro momento, não se fazia distinção entre *sexo* e *sadomasoquismo*, ou entre *sexo* e *fisting*, uma vez que não havia necessidade de mostrar como essas práticas eram “limpas” e não se enquadravam como comportamento de risco. Em um segundo momento, quase como uma tática de sobrevivência no espaço público, a comunidade SM se vê confrontada com a necessidade de lidar com a epidemia da AIDS e os estereótipos de violência que eram associados às práticas SM. Sobre sua experiência enquanto homem gay e SM, testemunhando o impacto da epidemia, Eric E. Rofes conta:

Atualmente, trabalho como diretor de um grupo de apoio à AIDS em São Francisco. Por ser aberto sobre minha identidade como praticante de SM, algumas pessoas expressaram suas preocupações sobre SM e a propagação do HIV para mim. Tenho ficado surpreso e, às vezes, incomodado com os

¹⁷ Tradução nossa: “The attempts to close the baths and clubs represented an alternative strategy for dealing with AIDS. Rather than promoting changes in sexual behavior to reduce the risk of transmission, the move to close the baths emphasized reducing the opportunities for gay men to have sex at all. Proponents of closure argued that their program was an obvious measure to save lives. They portrayed the debate about bathhouse closure as one which pitted public health needs against civil rights concerns. This perspective oversimplified and distorted the situation. The closure efforts set dangerous precedents for state harassment of gay businesses and gay behavior. Wholesale closure eliminated opportunities for sex education along with opportunities for sex. Closure drove men to the streets and alleys and parks, which were arguably less safe and clean than the clubs they lost.”

estereótipos e a ignorância que muitas lésbicas e homens gays têm em relação aos praticantes de SM. Ao longo desta epidemia, os praticantes de SM têm sido alvo constante de críticas sobre o sexo inseguro: “Os praticantes de fisting causaram essa crise”, “A promiscuidade e os locais de encontros casuais trouxeram a AIDS”, “Homens com sexualidade extrema estão colhendo o que plantaram”. O bode expiatório dos praticantes de SM pela AIDS me lembra das críticas que os homens SM enfrentavam antes da crise de saúde: demos à comunidade uma má reputação sendo abertamente eróticos. (Rofes, 2013, p. 196)

Diante do aumento da tensão entre os grupos sociais afetados pela epidemia, em 1983, na tentativa de se educar sobre SM, o grupo de ativistas voltado para homens gays sadomasoquistas (“*Gay Male S/M Activists*”, GMSMA) populariza o slogan “são, seguro, consensual” (SSC), que toma dimensões inesperadas e se torna a palavra de ordem e que norteia a prática informada de SM. Quanto ao significado da sigla:

[...] *seguro* significa que é tomado cuidado suficiente para evitar lesões físicas ou psicológicas acidentais ou indesejadas e que procedimentos sejam seguidos para impedir a transmissão da doença. *São* significa que aqueles que praticam juntos estão mentalmente encarregados de si mesmos; que não estão sob a influência de qualquer substância em excesso. *Consensual* significa que qualquer participante tem a capacidade de influenciar o ritmo, a intensidade e a direção de um encontro erótico, ao longo de toda sua duração, e pode encerrá-lo à vontade, ou apenas dizer “Não”.¹⁸ (Baldwin, 2013, p. 190)

De modo geral, cada palavra da sigla se atém a um dos questionamentos sobre o SM: *seguro* atesta pela preocupação em saber técnicas corretas para se reduzir o dano de lesões e atesta, também, pela preocupação em se praticar de maneira a reduzir os riscos de contágio; *são* atesta pela plena consciência dos praticantes, de entenderem as repercussões das práticas e *consensual* atesta contra os estereótipos de abuso e violência

¹⁸ Tradução nossa: “[...] SAFE means that sufficient care is taken to prevent accidental or unwanted physical or psychological injury and that procedures are followed that prevent the transmission of disease. SANE means that those who play together are mentally in charge of themselves; that they are also not under the influence of any substances to excess. CONSENSUAL means that any player has the ability to influence the pace, intensity, and direction of an erotic encounter at all times and may end it at will, or say “No” in the first place.”

sexual e física. Quanto ao uso da sigla, David Stein, a quem é atribuído a criação do SSC dentro do GMSMA, faz uma ressalva:

Em outras palavras, a estratégia não era tentar redefinir o próprio “S/M” como inerentemente “são, seguro e consensual”, algo que parece muito comum hoje em dia. Nem aqueles de nós que redigiram a declaração nem o conselho da GMSMA eram ingênuos. Sabíamos que toda a gama de S/M da vida real — brevemente definida como excitação sexual ou gratificação através da inflição ou sofrimento de dor, escravidão ou humilhação — pode abarcar muito do que é considerado como inseguro, doentio e não consensual pelos padrões de outras pessoas. S/M envolve emoções poderosas e vulnerabilidade intensa, e pode ser algo assustador.¹⁹ (Stein, 2000, s/p)

Isso implica em não mudar a essência da prática SM, de mudá-la para que se adeque às concepções heteronormativas, ou que seja mais palatável para outros grupos. Implica, na realidade, em zelar pelo bem-estar da própria comunidade ao reconhecer os riscos reais.

Se não é sobre sexo, é sobre...?

A noção de que BDSM não é sobre sexo é uma tentativa de retirar o aspecto erótico do cerne da prática sexual e, portanto, uma maneira de higienizá-lo. Isso acontece pela tentativa de praticantes de se distanciarem dos estereótipos e dos estigmas imputados aos praticantes. Observando a representação estereotípica de sexualidades dissidentes, Gayle Rubin explica que:

A cultura popular é permeada com ideias que a variedade erótica é perigosa, doentia, depravada, e uma ameaça a tudo desde pequenas crianças até segurança nacional. A ideologia sexual popular é uma sopa nociva de idéias de pecado sexual, conceitos de inferioridade psicológica, anticomunismo, histeria de massa, acusação de bruxaria, e xenofobia. A grande mídia sustenta

¹⁹ Tradução nossa: “In other words, the strategy was not to try to redefine “S/M” itself as inherently “safe, sane, and consensual,” something that seems all too common today. Neither those of us who drafted the statement nor GMSMA’s board were that naive. We knew that the full range of real-life S/M - briefly defined as sexual arousal or gratification through the infliction or suffering of pain, bondage, or humiliation - can embrace much that is unsafe, insane, and nonconsensual by anyone’s standards.”

essas atitudes com implacável propaganda. Eu chamaria esse sistema de estigma erótico a última forma de preconceito respeitável já que as formas mais antigas não mostraram tal vitalidade obstinada, e as novas continuamente não se tornam aparentes. Todas essas hierarquias de valor sexual – religiosos, psiquiátricos e populares – funcionam em muito da mesma maneira como os sistemas ideológicos do racismo, etnocentrismo, e chauvinismo religioso. Eles racionalizam o bem-estar do sexualmente privilegiado e a adversidade da plebe sexual. (Rubin, 2012, p. 17)

O que Rubin descreve como estigma erótico ressoa com o que Catherine Scott (2015) experiencia ao fazer sua pesquisa sobre a representação de praticantes de BDSM na mídia. Ela relata que seus entrevistados sentem que as representações midiáticas de praticantes de BDSM são utilizadas para o desempoderamento, humilhação e marginalização desses grupos. A tentativa de apartar o BDSM do seu aspecto sexual é sintomático de um grupo em busca de um espaço social. Gayle Rubin identifica uma mudança similar em prostitutas e homossexuais, e explica que:

Além de organizar homossexuais e prostitutas em populações localizadas, a “modernização do sexo” gerou um sistema de etnogênese sexual contínua. Outras populações de dissidentes eróticos – comumente conhecidos como “perversões” ou “parafilias” – também começaram a aderir. As sexualidades se mantêm marchando para fora do *Diagnostic and Statistical Manual* e para as páginas da história social. No presente vários grupos tentam emular os sucessos dos homossexuais. Bissexuais, sadomasoquistas, indivíduos que preferem encontros com cruzamento de gerações, transexuais e travestis estão todos em vários estágios de formação de comunidades e aquisição de identidade. As perversões não estão proliferando tanto quanto tentando alcançar espaço social, pequenos negócios, recursos políticos, e um certo alívio das penalidades pela heresia sexual. (Rubin, 2012, p. 24)

É importante notarmos que, por mais que essa mudança adaptativa nos grupos sadomasoquistas possa ser lida como uma mudança positiva, a higienização do BDSM nos mostra que o espaço conquistado tem vindo às custas do potencial transgressor das práticas eróticas BDSM, visto que se moldam gradativamente a heteronormatividade. A análise de Scott sobre *Cinquenta Tons de Cinza* reitera esse perigo, uma vez que o que é representado no livro não transgride valor dominante algum:

O que esse livro supostamente significava sobre homens, mulheres, relações de gênero e fetichismo era menos importante do que o que ele deixou de dizer e de quem ele deixou de retratar. Era um fetichismo branco, heterossexual e de classe média, acontecendo dentro de parâmetros absurdamente restritos. Ele foi apresentado como representante do BDSM, quando na verdade não representava ninguém. Especialmente não representava pessoas queer, pessoas de cor, pessoas da classe trabalhadora, aqueles cujos corpos não se conformam com os ideais de beleza ocidental, aqueles que praticam BDSM de forma mais intensa e prolongada do que qualquer livro ou filme poderia mostrar, aqueles que praticam BDSM e sexo sem amor ou romance e estão felizes assim, aqueles que dominam porque gostam, não porque foram reféns de um amante mais velho e malévolo por seis anos, aqueles que se submetem porque é divertido e sexy, não porque um bilionário apareceu e os convidou a fazê-lo.²⁰ (Scott, 2015, p. 203)

Tomando como exemplo duas reportagens em que praticantes de BDSM são entrevistados para que falem sobre o assunto, é possível observar como que essa assepsia se faz valer fora do espaço ficcional da literatura. Na reportagem “Não é só sexo: Praticantes explicam o que é o BDSM”, o jornalista Leonardo Oberherr entrevista Mistress Mahara, *ProDomme*²¹ e uma das principais referências de BDSM no Brasil, para entender mais sobre a prática. Em seu texto, Oberherr, a partir da conversa com a entrevistada, escreve:

Há, então, quem utilize das práticas do BDSM para apimentar uma relação. Mas, essencialmente, o BDSM provoca prazer físico e mental, nem sempre é sexual. “De um modo geral, o BDSM não fala apenas de prazer. Mas fala de auto descoberta [sic], empatia, conexão, auto estima [sic], troca de confiança, posicionamento, e outros assuntos importantes também”, comenta Mahara. (Oberherr, 2021, s/p)

²⁰ Tradução nossa: “What that book supposedly signified about men, women, gender relations and kink was less important than what it failed to say and who it failed to depict. It was white, heterosexual, middle-class kink taking place within ridiculously narrow parameters. It was held up as representative of BDSM, when in fact it actually represented no one. Especially not queer people, people of color, working- class people, those whose bodies don’t conform to Western beauty ideals, those who play longer and harder than any book or movie could ever hope to show, those who practice BDSM and sex without love or romance and are happy that way, those who dom because they like it, not because they were hostage to an evil older lover for six years, those who sub because it’s fun and sexy and not because a billionaire came along and asked them to.”

²¹ Dominadora profissional que realiza sessões de BDSM pagas.

No trecho, há a tentativa de se distanciar as práticas sexuais da noção de sexo: por mais que tenha prazer envolvido, nem sempre é sexual. Pela fala de Mistress Mahara, não é unicamente pelo sexo ou pelo prazer, mas também por uma série de outros valores dignos e louváveis que se contrapõe à todas as conotações negativas que se poderia ter ao se praticar unicamente pelo prazer sexual.

Em uma outra reportagem sobre BDSM, publicada no portal Universa UOL, um dos principais portais de conteúdo para mulheres no país, Ana Angélica Martins entrevista praticantes de BDSM para que discorram sobre o tema. Na reportagem intitulada “BDSM: “O prazer é voltado para as sessões; o sexo é consequência””, a partir das entrevistas realizadas, a jornalista escreve:

Ela [Sofie] explica que o BDSM deve ser vivido além das quatro paredes do quarto e que as sessões, os rituais, nem sempre terminam em sexo. “Tem uma amiga do meu dominador que é submissa há muito tempo e faz quatro anos que ela não tem uma relação sexual. O dominador dela é casado. Ela só tem as sessões, não passa disso. Nem sempre a sessão vai conduzir ao sexo. O prazer no BDSM é voltado para as sessões, o sexo é uma consequência. Uma prática que as submissas fazem, como eu faço, é se ajoelhar na frente do seu dominador e beijar a mão dele”, entrega Sofie. (Martins, 2019, s/p)

Nessa reportagem, a tentativa de separar BDSM e sexo ressurgiu na fala da praticante entrevistada. Sofie, ao falar da amiga de seu dominador, explica que ela não tem uma relação sexual a quatro anos. A entrevistada sugere que, pelo dominador da amiga ser casado, *sexo* não seria praticado por esse motivo e, conseqüentemente, BDSM não seria sexo porque não envolve penetração.

É quando tem *pau* envolvido...

Para refutar a ideia de que BDSM não é sobre sexo, é preciso que pensemos exatamente sobre o que nos referimos quando falamos sobre sexo. Partindo do que Gayle Rubin designa como sistema sexo/gênero, definido como “série de arranjos

através dos quais a sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana” (Rubin, 2012, p. 48), a sexualidade humana pode ser reduzida à função penetrativa ente mulheres e homens. É a partir dessa perspectiva, por exemplo, que na França nasce o termo *gouinage* para se referir ao tipo de sexo que mulheres lésbicas fazem, em que não há penetração.

O sistema sexo/gênero cria uma arquitetura do corpo que designa o que é e o que não é órgão sexual. Sobre essa construção do corpo, Paul B. Preciado elucida que:

Os órgãos sexuais não existem em si. Os órgãos que reconhecemos como naturalmente sexuais já são o produto de uma tecnologia sofisticada que prescreve o contexto em que órgãos adquirem sua significação (relações sexuais) e de que se utilizam com propriedade, de acordo com a “natureza” (relações heterossexuais). Os contextos sexuais se estabelecem por meio de delimitações de espaço-temporais oblíquas. (Preciado, 2014, p. 31)

Isso implica diretamente no que é considerado sexo. Por exemplo, a penetração do pênis na vagina, ou do pênis no ânus é entendido como sexo, enquanto a penetração do pênis na boca para a realização de sexo oral, é considerado como preliminar. A própria noção de *preliminar* já evidencia quais são os limites do corpo que categoriza sexo como tal.

Ao refletir sobre o funcionamento dos relacionamentos e do sexo SM, Pat Califia afirma: “Eu amo jogos de gênero. Quando eu fodo alguém com um strap-on, não ejaculo, mas gozo. Às vezes, é o tipo de orgasmo que é suficiente para me fazer sentir satisfeita e com sono. Às vezes não é.” (Califia, 2013, s/p). Retomando, em comparação, a fala de Sofie na reportagem para o UOL — “Uma prática que as submissas fazem, como eu faço, é se ajoelhar na frente do seu dominador e beijar a mão dele” e possível identificarmos que o prazer sexual está justamente no atos de se ajoelhar e beijar a mão de seu dominador. Somente pela desassociação da ideia de gozo como sinônimo de ejaculação/orgasmo que poderemos compreender todo o potencial das práticas eróticas BDSM.

Considerações Finais

A noção de que BDSM não é sobre sexo advém da intenção de tornar tudo aquilo que é ligado a sexualidade do modo mais estéril e higiênico o possível. Em uma sociedade em que tudo que é ligado a sexualidades dissidentes é depravado, indecente, imoral e doentio, tentar afastar o BDSM disso, parece uma saída lógica: BDSM não seria sobre *sexo, desejo, vontade, tesão, prazer, gozo*; seria sobre *entrega, respeito, responsabilidade, compromisso*. Não é sobre depravação, indecência, imoralidade e patologia; é sobre um punhado de valores gloriosos, respeitáveis e bem-intencionados.

Por trás da lógica de separar BDSM e sexo, o que impera é a higienização das práticas. Ao longo da história, as diversas maneiras de se expressar sexualmente sempre estiveram submetidas a mecanismos de controles sociais, religiosos, médicos e jurídicos, o que resulta, de uma maneira ou de outra, em repressão e estigmas sexuais. Frente a essa tendência, é importante que olhemos sempre para o potencial transgressor do BDSM: a capacidade de questionar as relações de poder ligadas ao sistema sexo/gênero, de repensar a arquitetura do corpo e sua potência de produzir prazer sexual e, conseqüentemente, repensar um modelo de prática sexual que privilegia apenas o matrimônio e a reprodução.

Referências

ALTMAN, Lawrence K. New Homosexual Disorder Worries Health Officials. **The New York Times**, p. 1, 1982. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1982/05/11/science/new-homosexual-disorder-worries-health-officials.html?scp=1&sq=New%20homosexual%20disorder%20worries%20officials&st=cse>>. Acesso em: 12 jun. 2021.

BALDWIN, Guy. A Second Coming Out. In: **Leatherfolk: Radical Sex, People, Politics, and Practice**, Edited by Mark Thompson. Los Angeles: Daedalus Publishing, 2013, p. 183–192.

CALIFIA, Pat. The Limits of the S/M Relationship, or Mr Benson Doesn't Live Here. *In: Leatherfolk: Radical Sex, People, Politics, and Practice, Edited by Mark Thompson*. Los Angeles: Daedalus Publishing, 2013, p. 233–244.

KRAFFT-EBING, Richard von. **Psychopathia Sexualis: a medico-forensic study**. Londres: William Heinemann (Medical Books), 1939.

LAQUEUR, Thomas Walter. **Solitary sex: a cultural history of masturbation**. New York: Zone Books, 2003.

MARTINS, Ana Angélica. BDSM: “O prazer é voltado para as sessões; o sexo é consequência. Disponível em: <<https://blogdamorango.blogosfera.uol.com.br/2019/03/25/bdsm-o-prazer-e-voltado-para-as-sessoes-o-sexo-e-uma-consequencia/>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

MORT, Frank. **Dangerous sexualities: medico-moral politics in England since 1830**. 2nd ed. London ; New York: Routledge, 2000.

OBERHERR, Leonardo. Não é só sexo: Praticantes explicam o que é o BDSM. Disponível em: <<https://medium.com/betaredacao/não-é-só-sexo-praticantes-explicam-o-que-é-o-bdsm-4262bbf8df1d>>.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual: Práticas subversivas da identidade sexual**. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. 2ª. São Paulo: n-1 edições, 2017.

ROFES, Eric E. Snapshots of Desire: Surviving as a Queer Among Queers. *In: Leatherfolk: Radical Sex, People, Politics, and Practice, Edited by Mark Thompson*. Los Angeles: Daedalus Publishing, 2013, p. 193–198.

RUBIN, Gayle. **Pensando Sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade**. *In: Florianópolis: [s.n.], 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/1582>>.*

RUBIN, Gayle. The Catacombs: A Temple of the Butthole. *In: Leatherfolk: Radical Sex, People, Politics, and Practice, Edited by Mark Thompson*. Los Angeles: Daedalus Publishing, 2013, p. 134–156.

SCOTT, Catherine. **Thinking kink: the collision of BDSM, feminism and popular culture**. Jefferson, North Carolina: McFarland & Company, Inc., Publishers, 2015.

STEIN, David. "Safe Sane Consensual" by slave david stein under the Guardianship of Master Steve of Butchmann's. Disponível em: <<http://www.leatherleadership.org/library/safesanestein.htm>>.

Sanitizing BDSM

Abstract: The acronym BDSM, which stands for bondage, discipline, domination, submission, sadism, and masochism, is an umbrella term that refers to a range of dissident sexual practices. Like other dissident sexual groups, it falls under the jurisdiction of legislative, medical, and religious power, leading to its social restriction and prohibition. In this article, we discuss the relationship between sexuality and hygienist practices, starting from the 17th century, and analyze how not only legislative, medical, and religious power but also popular culture and media representations contribute to the control of dissident sexualities, especially those of BDSM practitioners. We point out how the sanitization of BDSM has been symptomatic of this group's attempt to gain public space and organize as an identity, but at the cost of its transgressive potential, as it increasingly submits to heteronormative values.

Keywords: BDSM; Sexuality; Sanitation.

La désinfection du BDSM

Résumé : L'acronyme BDSM, qui signifie bondage, discipline, domination, soumission, sadisme et masochisme, est un terme générique qui désigne une gamme de pratiques sexuelles dissidentes. Comme d'autres groupes sexuels dissidents, il relève de la compétence du pouvoir législatif, médical et religieux, ce qui entraîne sa restriction sociale et son interdiction. Dans cet article, nous discutons de la relation entre la sexualité et les pratiques hygiénistes, à partir du XVIIIe siècle, et analysons comment non seulement le pouvoir législatif, médical et religieux, mais aussi la culture populaire et les représentations médiatiques contribuent au contrôle des sexualités dissidentes, en particulier celles des adeptes du BDSM. Nous soulignons comment la désinfection du BDSM a été symptomatique de la tentative de ce groupe de gagner de l'espace public et de s'organiser en tant qu'identité, mais au prix de son potentiel transgressif, car il se soumet de plus en plus aux valeurs hétéronormatives.

Mots-clés : BDSM, sexualité, désinfection.

Recebido: 31/07/2024

Aceito: 14/08/2024